

A RELAÇÃO ENTRE O «EU» E O «OUTRO» NO CONTEXTO DE ENSINO/APRENDIZAGEM DA LÍNGUA ESTRANGEIRA

Clarisse Costa Afonso
Universidade Nova de Lisboa

A relação de sujeito-objecto existente no processo de apreensão de línguas e culturas estrangeiras é sempre o da relação entre o eu e o outro. Compreender e fazer-se compreender é o resultado de um constante processo de comparações do qual fazem parte tanto a própria situação de condicionalismos culturais como as experiências e informações sobre a cultura do outro. A aprendizagem de línguas estrangeiras, a leitura de textos de cultura estrangeira bem como as vivências tidas no estrangeiro, são um contínuo processo de comunicação intercultural mesmo quando tal não é feito de uma forma consciente. Segundo Robert Picht no seu artigo, «Kultur und Landeswissenschaften», (in Bausch/Chris/Hüllen/Krumm, 1989 *Handbuch Fremdsprachenunterricht*, Tübingen, Francke Verlag), este processo de apreensão da cultura estrangeira está de certo modo submetido a mecanismos e interesses psicológicos de prazer e medo, precisamente porque neste processo se verifica um corte com aquilo a que se está habituado e se considera garantido.

A interferência cultural tornou-se consciente na Alemanha com as grandes diferenças culturais que existiam com os emigrantes, nomeadamente os turcos. A necessidades destes fazerem a aprendizagem social e a aprendizagem da língua de modo a facilitar-lhes a “orientação” no novo meio, levou a novos princípios da didáctica da língua estrangeira na tematização de diferenças culturais. Também aqui se quebrou um ciclo quando se percebeu que havia diferenças entre as perspectivas e interesses dos germanistas alemães e o modo como o germanista estrangeiro se ocupava da língua, literatura e cultura alemãs. Isto levou a que pela primeira vez na Alemanha se perspectivasse o curso de Germânicas como o estudo sistemático de uma cultura estrangeira, dando origem à germanística intercultural que diferenciava entre o germanista de língua materna alemã e o germanista para quem o alemão era língua estrangeira ou, sendo alemão ensina esta língua a estrangeiros.

Tendo como ponto de partida o indivíduo e a sua aptidão em se entender com um mundo internacionalizado, é de ter em conta o facto de que os seus processos de percepção, normas de actuação, disposições comportamentais e conseqüentemente também processos de aprendizagem, dependem das influências de socialização vividas e transmitidas no contexto nacional e sócio-cultural. A capacidade específica do indivíduo em se abstrair dos seus próprios princípios culturais e incorporar os modelos culturais estrangeiros, desenvolve-se, na maior parte das vezes, fora do contexto do ensino da língua estrangeira e até mesmo fora da escola. Esta capacidade tem de facto menos a ver com o domínio da língua estrangeira do que com factores cognitivo-morais relacionados com a idade e com a vivência. A importância da língua estrangeira neste contexto reside no facto de ser ela o meio que facilita o acesso à cultura estrangeira. No entanto, a aquisição de uma língua estrangeira não implica de modo algum a suspensão do processo de formação da identidade, muito pelo contrário: com a aquisição da língua estrangeira é dada ao indivíduo a possibilidade de não considerar o seu país o limite da percepção e pensamento, o limite da consciencialização ao até mesmo o padrão absoluto de juízos e actuações. Mas, a língua estrangeira só pode alargar os horizontes do aprendente quando no **currículo de conteúdos sócio-culturais** for tão respeitada a identidade do aluno como as diferenças com a outra cultura. Se a língua estrangeira não for transmitida interculturalmente, ou seja, não houver o reconhecimento dos princípios culturais do/s país/es onde está a ser ensinada a língua estrangeira e se os conteúdos sócio-culturais não forem analisados do ponto de vista do aprendente, também para que na comparação de ambas as culturas não se tenha o pensamento erróneo de avaliar, mas tão somente de as conhecer e aceitar nas suas diferenças e semelhanças, corre-se o risco de imposição de línguas e culturas no que se poderia considerar um imperialismo cultural.

A compreensão intercultural e um trato internacional bem sucedido, exigem do cidadão mais do que o mero domínio formal da língua estrangeira. Enquanto este pode ser adquirido em cursos intensivos de língua estrangeira a interculturalidade pressupõe um conhecimento fundamentado da própria cultura e da cultura estrangeira, bem com a capacidade de análise de estruturas e funções sociais e as suas diferenças em diferentes culturas. Estes conhecimentos só podem ser fruto de um extenso processo de aprendizagem feito ao longo da vida e que se inicia na escola. São conhecimentos que congregam o conhecimento de cada disciplina e no qual a aprendizagem da língua estrangeira desempenha um papel primordial. A aquisição de língua não pode ser separada de uma comparação cultural o que implica uma reflexão dos próprios hábitos e costumes. A descoberta do «outro» e a comparação consciente do aprendente processados de um modo sistemático, torna imprescindível a realização de um maior número de intercâmbios escolares, viagens de estudo e até mesmo de puro turismo. É aí que se estabelece a relação com o «outro» ao vivo, é aí que se formularão questões e procurarão explicações, reforçam conhecimentos e se perdem preconceitos e estereótipos.

Considerando-se a função do estereótipo como parte da cognição social sob forma de percepção do «outro» sempre a partir da perspectiva do próprio grupo de referência, tem de se concluir que a aprendizagem intercultural não pode focar exclusivamente a cultura da língua alvo. O modelo em que se baseia a teoria da comunicação intercultural deve partir sempre de um princípio de analogia: a partir da própria identidade os modelos são adaptados, corrigidos, reconstruídos em relação a outros grupos sociais, o que leva à conclusão de que este processo de aprendizagem deve começar pela reflexão e tomada de consciência sobre a própria identidade. O contacto intercultural corre o risco de falhar se não existir uma imagem de si próprio claramente definida, estável segura e interactiva.

